HVMANITAS

[Recensão a] Matheus Trevizam, Varrão, Das coisas do campo. Introdução, tradução e notas

Autor(es): Oliveira, Francisco de

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/35092>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_34

Accessed : 26-Apr-2023 16:12:14

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

**Vol. LXVI
2014**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

também a escolha da língua, a que terão presidido razões práticas de divulgação, semelhantes ao que se passava quando outrora se optou por traduzir a *Torah* para grego. O livro comunica em inglês, que se tornou uma espécie de *koiné* dos nossos dias, em paralelo com o grego tipificado que unia o mundo político, económico e científico daqueles tempos. O volume apresenta-se bastante completo e apelativo, apoiado numa vasta bibliografia e enriquecido com ilustrações relevantes, pelo que é muito útil tanto para a comunidade científica como para o universo dos amadores da erudição antiga e moderna. Tendo em conta a diversidade de assuntos tratados, seria bastante útil ao leitor, e enriqueceria claramente o volume, a apresentação de um índice temático, que incluísse, em si ou em separado, um elenco de personalidades e lugares históricos.

Congratulamo-nos, pois, com a aparecimento de tal obra. Trata-se de uma demonstração prática da conexão entre a erudição, produção e disseminação de conhecimento no mundo antigo e nos nossos dias, através dos estudos apresentados e do papel da Nova Biblioteca de Alexandria salientado no referido epílogo, mas também por ser fruto da colaboração entre instituições diversas que têm precisamente por vocação a procura e divulgação do conhecimento.

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_33

Matheus Trevizam, *Varrão, Das coisas do campo*. Introdução, tradução e notas. Edição bilíngue. Universal Estadual de Campinas, Editora da Unicamp, 2012, 283 p., ISBN 978-85-268-0998-7.

A presente edição bilingue constitui um trabalho muito útil para o conhecimento e divulgação da literatura técnica latina, em especial a agrária, e da sociedade romana na transição da República para o Principado, sobre a qual fornece interessantíssimas informações de natureza económica, política, social, cultural e moral.

A opção do autor foi, de facto, fornecer o texto com tradução e notas que servem, nuns casos, para esclarecer o leitor sobre personagens, divindades, factos, lugares mencionados no texto, e ainda sobre terminologia, em especial grega (p.116 n.66 e 67; p.117 n.80; p.190 n.2-8) e opções de tradução (p.112 n.20 ‘sede’ para traduzir *villa*); noutros casos simplesmente para indicar a palavra latina a que corresponde a tradução apresentada —

notas que muitas vezes diríamos supérfluas para os leitores com acesso ao texto latino (exemplos vários na p.122, como n.185 “*Ferro*: no original latino, *ferrum*; e na p.124), mas que talvez sejam compreensíveis para o destinatário que desconhece o que é Quios, Cálcis, a Lídia (p.123 n.215-217) e Terêncio (p.205 n.231). Em numerosas ocasiões, e com algum prejuízo para a leitura sequencial do texto, são oferecidas notas de simples remissão, como a propósito de Cálcis e da Gália Transalpina (respectivamente p.274 n.95 e p.275 n.109, que remetem para notas 216 e 77 do livro I).

Acrescenta-se, à cabeça, uma brevíssima **introdução** sobre o autor e a opção pelo diálogo, assunto que, genericamente delineado, deixa entrever a qualidade artística do tratado, que é realmente muito notória. Sobre a época, e em especial a inserção da obra na literatura agrária, não são apresentadas considerações, embora nas notas se remeta para antecessores e fontes citadas no texto de Varrão, como, a título de exemplo, Xenofonte (9.111 n.15), Hesíodo (p.112 n.17), Magão (p.112 n.18), Sasernas (p.115 n.55 e p.203 n.205), Virgílio (p.116 n.68), Catão (p.120 n.160 e 161), Escrofa (192 n.22), Columela (p.274 n.91).

Se esperássemos notas com maior erudição, certamente a n.200 da p.122 haveria de referir as *Nuven*s de Aristófanes, onde o pagamento da dívida na mudança da lua é o grande problema de Estrepsíades e o motor do enredo da comédia; a n.72 da p.196 citaria Plin. *Nat.*8.166 sobre as éguas da Lusitânia; a n.32 da p.271, sobre consumo de arganazes, abonaria com Plin. *Nat.*8.223 e 36.4; as referências a personagens ligadas ao luxo gastronómico referidas na p.219 encontrariam paralelo seguro em vários passos da *História Natural*; as n.113-114 da p.275, sobre a abundância de coelhos na Hispânia, seriam cotejadas com Plin. *Nat.*3.78 e 8.104 e 217; a n.126 p. 276, sobre o sexo da abelha-rainha e em geral toda a descrição da sociedade das abelhas, evocariam a longa descrição de Plin. *Nat.* 11.11 ss. E se refiro Plínio, é porque se anota, na 4ª página da capa, que Varrão “influenciou a obra de enciclopedistas posteriores, desde pelo menos Plínio o Velho”.

Índices e Lista de nomes próprios ou termos técnicos latinos e gregos simplificariam a leitura e ajudariam a esclarecer, talvez, o motivo que leva o autor, por exemplo, a traduções divergentes para o mesmo termo técnico latino. Assim, *villaticus* aparece traduzido ora por ‘sede’ (p.21 penúltima linha, mas é confusa a nota 20, que deixa supor a ocorrência de *villa*), tal como *villa* (p.27, linha 4 e em numerosas ocorrências, mas não em 1.13, p.49, onde *villa* corresponde a ‘propriedade’, sendo que, nessa mesma

página, penúltima linha, ‘propriedade também é a tradução para *fundus* (que em 1.16, p.55, corresponde a ‘terras’), e para *praedium* (1.15, p.53); na p.51 *villa* oscila entre ‘sede’, ‘*villa*’ e ‘casa’, mas a partir do livro II a tradução exclusiva passa a ser ‘casa de campo’ logo na p.139, tal como *villaticus* (p.143), e nas numerosas ocorrências do livro III, cujo início discute exatamente o conceito de *villa*.

No caso de *vilicus*, a tradução por ‘administrador’ (1.13, p.49) lamentavelmente não é usada para *vilica* (ocorre 4 vezes na p.61), remetida simplesmente para o papel de ‘esposa’, de resto uma tradução que no mínimo merecia comentário, dado tratar-se de uma escrava.

Também seria de explicar o motivo da tradução ‘ás’ para *as*, *assis* (p.47), quando logo na página 49 traduz por ‘asses’ (cf. n.107 e 109); e de *domesticus* por ‘na sede’ (p.59), solução utilizada para *villaticus* e *villa*; de *colonus* por ‘fazendeiro’ (1.40, p.85) e por ‘colono’ (p.129 linha 1); e de *grex* por ‘tropa’ e logo de seguida por ‘manada’ (2.7, p.167) e por ‘bando’ (2.10, p.177);

Dado o carácter diversificado do destinatário da obra, a apresentação de índices de termos latinos e gregos comentados nas notas, bem como dos principais conceitos e nomes citados, permitiria ainda libertar a leitura de cortes tão frequentes com notas que ao leitor mais culto pouco interessam. Neste aspeto, várias notas poderiam ser descartadas se, exemplificando com a página 77, fossem adotadas soluções como eliminar a nota 186 e escrever no texto “num campo de *far* ‘espelta’”.

Os índices levariam, ainda, o leitor a entrever factos como a diversidade de fontes, que não sobressai na dispersão de centenas de notas.

Duas observações: na p.274 n.86 deve ser ‘chícharo’ e não ‘chicharro’; o problema dos nomes próprios no geral foi cuidadosamente resolvido, embora algumas soluções tivessem alternativa, como Arquitas em vez de Árquita (p.21).

Em suma, sem prejuízo das observações feitas, este volume é de louvar por promover a divulgação de um tratado latino tão relevante e oferecer uma tradução cuidada, sempre preocupada em seguir de perto o latim, mesmo em casos onde ligeiras inversões da sintaxe permitiriam talvez uma leitura mais ágil (por ex.: utilização das vozes passiva e ativa, frases introduzidas por *oportet*).

FRANCISCO DE OLIVEIRA

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_34